

## Igualdade de gênero na ciência

Tema foi discutido em simpósio no Congresso IUPAB/SBBf/SBBq 2021

Maria Celia Wider - 18/10/2021

Aos poucos, mas de forma consistente, a desigualdade de gênero vem sendo exposta e debatida na comunidade científica. Iniciativas para enfrentar e combater as disparidades de poder entre homens e mulheres se multiplicam em diversos níveis. A Assembleia Geral da ONU, por exemplo, definiu o dia 11 de fevereiro como o Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência, com o objetivo de incentivar a participação feminina na ciência. No Brasil, o simpósio *Gender in Science*, realizado durante o Congresso IUPAB/SBBf/SBBq 2021, trouxe diversidade aos debates.

O caminho para a igualdade de gênero, no entanto, é longo. “Vamos precisar ainda de um período de debates e de luta e de conquistas, para que possamos dizer que somos igualmente cientistas. O congresso da IUPAB preconizava igualdade, a comissão organizadora teve essa preocupação, esse olhar. Tanto que propôs o simpósio sobre gênero na ciência”, afirma a física Maria Cristina Nonato, da Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto - USP, que coordenou o simpósio, juntamente com o professor David Crossman, da University of Auckland, na Nova Zelândia.



O simpósio reuniu cinco cientistas com carreiras de sucesso, representando países de cinco continentes: Frances Separovic, da Universidade de Melbourne, na Austrália; Pimchai Chaiyen, do Instituto de Ciência e Tecnologia de Vidyasirimedhi (VISTEC), na Tailândia; Lauren Arendse, da Universidade da Cidade do Cabo, na África do Sul; Milagros Medina, da Universidad de Zaragoza, na Espanha; e a brasileira radicada nos Estados Unidos Carla Mattos, da Northeastern University.

Segundo Nonato, o objetivo foi conhecer experiências que têm pontos em comum, mas também características particulares de cada região. E o resultado foi excelente. "Fiquei muito satisfeita, cada uma trouxe uma abordagem que se complementava, as palestras tinham *cross-talking*, sem que a gente tivesse definido limites para isso”.

Para o pesquisador Antonio Jose Costa Filho, presidente da Sociedade Brasileira de Biofísica (SBBf), "em termos de diversidade geográfica, esse talvez tenha sido o simpósio mais diverso de todo o Congresso”.

**Picture a Scientist**

Um ponto de referência para os debates durante o simpósio foi o filme *Picture a Scientist*, de Sharon Shattuck e Ian Cheney, que ficou disponível online para os participantes do congresso. No documentário de 2020, exibido no Tribeca Film Festival, três cientistas proeminentes contam suas trajetórias, trazendo à tona as barreiras que encontraram, incluindo casos de discriminação e assédio.

No meio acadêmico, mostra o filme, o assédio sexual e a coerção podem ser representados como a ponta de um iceberg. A maior parte do volume do iceberg corresponde a microagressões que as mulheres sofrem continuamente, muitas vezes sem perceber: são sutilmente excluídas, são preteridas para promoções, ouvem comentários sobre seu corpo, percebem hostilidade, não obtêm crédito pelo trabalho, têm a competência questionada, entre outras.

Pode ser receber uma cantada de um colega num congresso científico, logo após a apresentação de seu trabalho, como aconteceu com a pesquisadora Carla Mattos, numa Gordon Conference, nos Estados Unidos. Pode ser a situação de ser tomada como uma servente no próprio laboratório, como a química Raychelle Burks contou no filme. Pode ser o caso de mulheres que não se sentem seguras para ficar no laboratório até tarde e voltar para casa sozinhas à noite, como relatou a pesquisadora sul-africana Lauren Arendse.

Segundo Nonato, talvez o maior desafio para as mulheres seja tomar consciência das microagressões e entender o que acontece quando sofrem alguma forma de abuso psicológico ou moral. “O preconceito é estrutural, está tão enraizado, que você vive aquilo e acha que é assim mesmo. Mas isso traz consequências horríveis.”

Presidente da Sociedade Brasileira de Bioquímica e Biologia Molecular (SBBq), a professora Leda Quercia Vieira conta que, quando foi entrevistada para uma pesquisa sobre igualdade de gênero, respondeu que não considerava ter problemas por ser mulher na universidade. Mas, ao responder um questionário detalhado sobre sua vida profissional, percebeu essas pequenas questões, as microagressões. “Na minha geração existe a postura da maioria das pessoas, certamente não de todas, de uma menos-valia”, afirma ela.

Como propôs a pesquisadora tailandesa Pimchai Chaiyen, precisamos desaprender, ou seja, tomar consciência de percepções equivocadas que temos, para então reaprender a ver mulheres como líderes, investidoras, criadoras de tecnologia. Aprender, desaprender, reaprender.

## **Desigualdade**

“Apesar do progresso notável em algumas áreas, nenhum país do mundo - rico ou pobre - alcançou a igualdade de gênero”. A conclusão é de um estudo do Programa das Nações

Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), publicado em 2020. Cerca de 90% da população de 75 países têm algum tipo de preconceito contra mulheres. Não à toa, a ONU incluiu a igualdade de gênero como um dos objetivos apontados no documento “Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável”, que tem como meta erradicar a pobreza e promover vida digna para todos.

Na ciência, dados sobre questões de gênero se acumulam. No simpósio, a pesquisadora Milagros Medina apresentou informações sobre a desigualdade nas posições de liderança científica na Espanha, que evidenciam o chamado teto de vidro na ciência. Embora as mulheres sejam maioria na pós-graduação, elas são minoria entre os professores titulares. Aqui, dados da Academia Brasileira de Ciências mostram que, em 2015, as mulheres representavam apenas 24,6% dos bolsistas PQ nível 1A do CNPq. As bolsas 1A são as mais altas e de maior prestígio.

Em 2020, a Elsevier atualizou o relatório intitulado The Researcher Journey Through a Gender Lens, no qual examina a participação na pesquisa, progressão na carreira e percepções de cientistas de 26 áreas temáticas na União Europeia e em mais 15 países, incluindo o Brasil. Uma das conclusões do estudo é que, em todos os países, a porcentagem de mulheres que publicam internacionalmente é menor do que a de homens.

Ainda sobre a publicação de artigos científicos, um trabalho da Royal Society Chemistry intitulada Is there a gender gap in chemical sciences scholarly communication? analisa a relação entre o gênero do autor e do revisor, as recomendações do revisor e o resultado da submissão. “Uso esse paper em minhas palestras, para mostrar que existe preconceito do homem ao avaliar o trabalho da mulher”, afirma Nonato

Foi com base em um minucioso levantamento de dados que, nos anos 1990, Nancy Hopkins, então professora de biologia do MIT, conseguiu reunir mulheres acadêmicas numa comissão que produziu o relatório A Study on the Status of Women Faculty in Science at MIT, mostrando como as docentes eram marginalizadas, com acesso a menos recursos e exclusão da tomada de decisões, por exemplo. O relatório teve grande repercussão e ganhou a primeira página de jornais importantes, como o New York Times, o que levou a uma maior conscientização sobre a questão de gênero nas universidades. Ela conta essa história em detalhes no documentário. Conta também que, quando jovem, foi assediada por Francis Crick, que dividiu o Prêmio Nobel de 1962 pela estrutura do DNA.

## **Iniciativas**

Nos últimos anos, diversas ações para promover a igualdade de gênero vêm sendo catalisadas de várias formas, em diferentes lugares. No Brasil, Nonato aponta iniciativas pontuais, como eventos, bolsas, workshops, e discussões promovidos pelas

universidades, que “deveriam se o berço dessa transformação”; pela Academia Brasileira de Ciências (ABC), que nunca foi presidida por uma mulher; e pela Academia de Ciências do Estado de São Paulo (ACIESP), atualmente presidida pela química Vanderlan da Silva Bolnazi.

A pesquisadora também destaca iniciativas concretas, como o movimento parent in science, criado há cinco anos, "com o intuito de levantar a discussão sobre a maternidade (e paternidade!) dentro do universo da ciência do Brasil", segundo informa o site do grupo, e que já tem algumas conquistas importantes, como a inclusão do tempo de licença maternidade no Currículo Lattes. Nonato lembra que “na minha época, a bolsa de estudos era interrompida quando a gente tinha filho - aí você não come nesse período”. Atualmente, em São Paulo, a FAPESP garante a continuidade bolsa de estudo durante a licença maternidade.

E iniciativas que mostram mulheres como modelo de cientista e destacam seu papel na ciência no decorrer da história, para estimular as meninas a ver a ciência como uma possibilidade de carreira. Lembrando que apenas 30% das estudantes que ingressam na universidade escolhem carreiras relacionadas ao STEM, sigla em inglês para ciência tecnologia, engenharia e matemática, segundo um estudo da UNESCO de 2018.

Ela mesma uma cristalógrafa, com graduação e pós-graduação em física, Nonato conta que se tornou cientista inspirada pela professora Yvonne Primerano Mascarenhas, de quem foi aluna de mestrado. Mascarenhas foi a primeira mulher a ocupar uma cadeira no Departamento de Física da Escola de Engenharia de São Carlos, em 1956, e uma das pioneiras na fundação do então Instituto de Química e Física de São Carlos.

E comemora o fato de a biomédica baiana Jaqueline Goes ter sido escolhida para se tornar uma boneca Barbie, como parte da iniciativa “Mulheres Inspiradoras”. Goes foi responsável pela equipe que sequenciou o genoma do SARS-CoV-2 em apenas 48h no Brasil.

“Estamos passando por um processo de transformação que exige resiliência de ambos os sexos e da sociedade”, conclui a pesquisadora. E fica a mensagem de Lauren Arendse, que, em 2020, recebeu uma bolsa do Future Leaders - African Independent Research (FLAIR), concedida a pesquisadores africanos talentosos em início de carreira, cujo trabalho se concentra na solução das necessidades do continente. Ela encerrou sua apresentação no simpósio com um provérbio africano: *If you want to go fast, go alone, if you want to go far go together.*

O 20ª Congresso da International Union for Pure and Applied Biophysics (IUPAB) foi realizado no formato virtual entre os dias 04 e 08 de outubro de 2021, em conjunto com a 50ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Bioquímica e Biologia Molecular (SBBq) e a 45ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Biofísica (SBBf).